

Jornalismo guiado por dados como ferramenta de *Fact-Checking*: uma experiência laboratorial¹

DATA-DRIVEN JOURNALISM AS A TOOL FOR FACT-CHECKING:
A LABORATORIAL EXPERIENCE

└ *Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca*

Jornalista, doutora em Comunicação e Informação, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).

E-mail: virginia@ufrgs.br

Fabiana Freitas

Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Co-criadora da Troco Dados.

E-mail: frfreitas@gmail.com

Marília Gehrke

Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação no PPGCOM/UFRGS. Co-criadora da Troco Dados.

E-mail: mariliagehrke@gmail.com

Tais Seibt

Jornalista, mestra em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e doutoranda no PPGCOM/UFRGS. Co-fundadora do Filtro Fact-checking.

E-mail: seibt.tais@gmail.com

Recebido em 28/07/2018. Aprovado em 03/10/2018.

-
1. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no V Seminário de Pesquisa em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em 27 de junho de 2018, na Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo.

Resumo

Neste artigo, discute-se o jornalismo guiado por dados como método central no processo de *fact-checking* (checagem de fatos). A análise é feita a partir de experiência em um curso de extensão realizado na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no primeiro semestre de 2018. Com base nas percepções e nas críticas dos estudantes, identificam-se algumas das dificuldades encontradas em sala de aula para analisar as potencialidades e as limitações desta prática no jornalismo contemporâneo.

Palavras-chave: *Fact-checking*. Jornalismo guiado por dados. Ensino.

Abstract

This paper discusses data-driven journalism as a key element in the fact-checking processes, based on experience in the Fact-checking Laboratory extension course, held at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Based on students' perceptions and critics, the text points out the difficulties encountered by them and found during the classes. It also reflects on the potentialities and limitations perceived around this practice in the contemporary journalism.

Keywords: Fact-checking. Data-driven Journalism. Teaching.

Introdução

O chamado “jornalismo pós-industrial” força um reposicionamento do repórter no ecossistema midiático, em que o profissional “já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 43). Assim, pode-se dizer que o ambiente de difusão de informação dominado por plataformas digitais de livre compartilhamento de conteúdos criou um paradoxo: ao invés de mais informação, o cidadão atual padece de desinformação. Além do excesso, também se tornou uma preocupação global a proliferação de “*fake news*”, ou “notícias falsas”², na

2. Não é o propósito do artigo discutir o conceito de *fake news*, que é ainda bastante abstrato e tem sido amplamente questionado. No relatório “Information Disorder” (Distúrbio da Informação, em tradução livre), Claire Wardle e Hossein Derakhshian (2017) rejeitam o termo: “Primeiro, porque é uma expressão lamentavelmente inadequada para descrever os complexos fenômenos do distúrbio da informação. O termo também começou a ser apropriado por políticos de todo o mundo para descrever organizações de notícias cuja cobertura eles acham desagradável. Dessa forma, está se tornando um mecanismo pelo qual os poderosos podem reprimir, restringir, minar e contornar a liberdade de imprensa” (WARDLE; DERAKHASHAN, 2017, p. 5). Os pesquisadores diferenciam, então, *misinformation* (informação errada), quando informações falsas são compartilhadas sem que a pessoa saiba que são falsas, ou seja, sem intenção de causar dano; e *disinformation* (informação maliciosa), quando informações falsas são conscientemente compartilhadas com o objetivo de causar prejuízo a alguém ou obter algum tipo de lucro político ou econômico.

tradução mais trivial. Acredita-se inclusive que tenham produzido efeitos em processos eleitorais recentes, como o plebiscito sobre a permanência ou não do Reino Unido da União Europeia, em 2016, resultado conhecido como Brexit, e a campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em 2016.

Para tentar contê-las, as medidas anunciadas pela plataforma mais proeminente entre os internautas e apontada como ferramenta estratégica na propagação de conteúdos fraudulentos³, o Facebook, fez acordos com várias agências de checagem de fatos credenciadas pela *International Fact-checking Network* sob um mesmo código de princípios. A IFCN é uma rede que agrega mundialmente iniciativas de *fact-checking* (checagem de fatos).

Embora não esteja plenamente consolidada no Brasil, iniciativas do gênero têm se fortalecido nos últimos anos, e a extensão do projeto do Facebook contra “fake news” para o Brasil coloca o *fact-checking* ainda mais em evidência, despertando a atenção de estudantes, pesquisadores e também de jornalistas que vêm na prática a possibilidade de um reposicionamento no ecossistema de notícias.

Tais circunstâncias nos levam a refletir sobre o ensino da prática jornalística, tendo em mente que uma das tendências no mercado profissional está relacionada ao cruzamento de bancos de dados (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Por essa razão, discutimos o jornalismo guiado por dados como instrumento central no método de apuração do *fact-checking*. O estudo parte de experiência realizada no curso de extensão Laboratório de *Fact-checking*, voltado para alunos de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O curso foi desenvolvido em quatro encontros, entre abril e maio de 2018, e reuniu 19 alunos. Dessa forma, um dos objetivos deste texto, além de analisar a prática da checagem em si, é também registrar as atividades da oficina, que podem servir de inspiração para experiências similares no contexto de implantação de novos currículos de Jornalismo nas universidades brasileiras⁴.

Com base nas discussões teóricas e no panorama atual do *fact-checking*, a proposta aqui apresentada alia descrições da experiência no curso de extensão às percepções e críticas dos alunos, bem como analisa o processo de produção do conteúdo, permitindo,

3. Em março de 2018, um ex-funcionário da consultoria Cambridge Analytica revelou como dados pessoais foram usados pela empresa para gerar conteúdos direcionados a determinados públicos no Facebook durante as campanhas do Brexit e de Trump (GUIMÓN, 2018, on-line). Após as revelações, Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, foi chamado a dar explicações ao Congresso Americano e anunciou medidas para minimizar o impacto de conteúdos potencialmente falsos em sua plataforma.
4. O Ministério da Educação publicou novas diretrizes para as faculdades de Jornalismo em 2013. Segundo o documento, o curso deve “[...] preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente” (Ministério da Educação, 2013, p. 2).

ao menos preliminarmente, tecer conclusões acerca da prevalência do jornalismo guiado por dados como ferramenta para a verificação, seus limites e potencialidades tanto no ensino quanto na prática jornalística.

Fact-checking: origem e iniciativas

O *fact-checking* surgiu nos Estados Unidos, tendo como propulsor o quadro ancorado por Brooks Jackson na *CNN*, em 1992, no qual confrontava dados dos candidatos à presidência. Na internet, o gênero encontrou espaço para amadurecer e se firmar como um movimento de reforma do jornalismo que resgata princípios balizadores da ideologia profissional, como verdade e objetividade (GRAVES, 2016). Mais do que um gênero ou formato de cobertura jornalística em tempos de campanha eleitoral, o *fact-checking* é tomado por Lucas Graves (2016, p. 63) também como um “movimento”, que “reflete e reproduz a cultura profissional atrelada a um jornalismo mais analítico”⁵. Para o autor, os *fact-checkers* decretam uma crítica à cobertura jornalística convencional e constituem “organizações jornalísticas estreitamente adaptadas ao ecossistema contemporâneo de notícias em rede” (GRAVES, 2016, p. 9). A prática teve impulso adicional em 2009, quando o site *PolitiFact* venceu o Prêmio Pulitzer, principal prêmio do jornalismo nos Estados Unidos, inspirando dezenas de iniciativas naquele país.

Ao redor do mundo, o *fact-checking* encontra-se em expansão prodigiosa, como demonstra um levantamento recente do *Duke Reporters’ Lab*: o número de projetos ativos de verificação de fatos mais do que triplicou desde o primeiro levantamento, feito em 2014, passando de 44 para 149 iniciativas (STENCEL; GRIFFIN, 2018, on-line). Destas, 57 já foram credenciadas pela IFCN⁶. No Brasil, oito operações de checagem foram mapeadas em 2018. Além de *Agência Lupa*, *Aos Fatos* e *Truco*, que já constavam em levantamentos anteriores, foram incluídos os sites *Boatos.org* e *E-farsas*, bem como as seções *É isso mesmo?*, do jornal *O Globo*, e *UOL Confere*, do portal *UOL*. O mapa mostra, além disso, uma seção no *Portal EBC*.

Desde o final de 2017, outros veículos bem-estabelecidos também lançaram espaços de checagem, como o portal *GI*, com a seção *É ou não é?*, e o jornal *Extra* com

5. “The fact-checking movement reflects and reproduces the Professional culture tied to more analytical journalism.”

6. “The number of fact-checkers around the world has more than tripled over the past four years, increasing from 44 to 149 since the Duke Reporters’ Lab first began counting these projects in 2014 — a 239 percent increase.”

o #ÉBoato ou #ÉVerdade. Há, ainda, a seção *Prova Real*, da rede de comunicação NSC, em Santa Catarina, que produz conteúdos de checagem em vários formatos - para rádios, programas de televisão, jornais e sites do grupo. Também surgiram novas iniciativas, recém-implantadas ou em fase de implementação, como é o caso do *Filtro Fact-checking*, no Rio Grande do Sul, e da *Agência Ajuri*, no Amazonas, ambas com campanhas de financiamento coletivo lançadas em 2018.

Dentre os princípios estabelecidos pela IFCN e que norteiam a prática do *fact-checking*, estão: a) transparência quanto à metodologia; b) transparência na escolha das fontes; c) transparência no financiamento; d) política pública de correções; e) apartidarismo. Pode-se observar, portanto, que a questão da transparência é central em todos os procedimentos dessas iniciativas, o que aproxima o método de verificação do jornalismo guiado por dados, como se vê a seguir.

Verificação, dados e métodos

A verificação da informação é destacada por Bill Kovach e Tom Rosenstiel como um dos nove elementos do jornalismo⁷. Para estes autores, a essência do jornalismo está na disciplina da verificação, “[...] que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 113).

Tal perspectiva, que defende a transparência nos métodos utilizados durante o processo de apuração, remete ao que Philip Meyer (1973; 2002) chamou de jornalismo de precisão, e cujas premissas, junto com as técnicas da Reportagem Assistida por Computador (RAC), sustentam o conceito de Jornalismo Guiado por Dados (JGD), que se refere à “aplicação da computação e dos saberes das ciências sociais na interpretação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público” (TRÄSEL, 2014, p. 90).

O diferencial contemporâneo é que as plataformas digitais oferecem mecanismos que respondem melhor a esse apelo por transparência. Por meio de *hiperlinks* e outros recursos multimídia, é possível apresentar ao leitor o caminho percorrido pelo repórter. Assim, a apuração jornalística é alçada a um patamar de produto final, um produto típico

7. Kovach e Rosenstiel (2004) consideram elementos do jornalismo: obrigação do jornalismo com a verdade; lealdade com os cidadãos; essência na disciplina da verificação; independência na cobertura; jornalismo como monitor independente do poder; jornalismo como espaço para a crítica e o compromisso público; empenho na apresentação do que é significativo de forma interessante e relevante; apresentação das notícias de forma compreensível e proporcional; liberdade dos jornalistas para trabalho de acordo com a sua consciência.

da sociedade em rede⁸, em que “[...] através da rotina de checagem e confrontação dos dados, o fato da declaração ser verdadeira ou falsa se transforma na própria notícia” (DOURADO, 2016, p. 18). Isso teria consequências, segundo Dourado (2016), para a fiscalização da cobertura política convencional, a transparência das informações políticas e a credibilidade do ator político, oferecendo ao cidadão melhores condições para argumentar sobre temas de interesse público.

A verificação, por seu turno, ganha relevância no ambiente de hiperconcorrência característico do paradigma do “jornalismo de comunicação” (CHARRON; DE BONVILLE, 2016), no qual todos os discursos, inclusive o informativo, precisam entreter⁹. Esse modelo que, de certa forma, favoreceu a disseminação das matérias “caça-cliques”, agora é questionado, podendo até mesmo vir a impulsionar uma mudança estrutural do jornalismo¹⁰. Nesse cenário, ser transparente em relação às fontes consultadas torna-se uma exigência para a confiabilidade da informação.

Em entrevista recente a Gehrke e Mielniczuk (2017), Philip Meyer afirma que os jornalistas precisam ganhar a confiança de seus leitores e indicou que citar as fontes é uma das formas de fazer isso, de modo que o leitor seja capaz de seguir a mesma lógica adotada na reportagem e conseguir tirar suas próprias conclusões.

Pensando nisso, Gehrke (2018) fez uma atualização da classificação do uso de documentos como fonte para o Jornalismo Guiado por Dados. Após revisão bibliográfica e pesquisa empírica, chegou a três categorias: **arquivo documental**, que compreende leis, planos, projetos, programas, rankings, publicações e outros; **estatística**, que envolve o uso de bases de dados públicas, séries históricas, indicadores, taxas, relatórios e outros; e **reprodução**, que está ligada aos documentos que contemplam textos e publicações em colunas, blogs, sites de redes sociais, comunicados públicos e conteúdos publicados por outros veículos jornalísticos.

8. O conceito de sociedade em rede remete a Manuel Castells (1999), que introduziu a expressão ao abordar as transformações do capitalismo global, a partir dos anos 1970, descrevendo um contexto de forte influência das novas tecnologias de comunicação e informação nos processos econômicos, políticos e sociais em geral.

9. Brevemente, pode-se dizer que o paradigma corresponde a um “sistema normativo”, um conjunto de regras com uma prática fundamentada e reconhecida pela comunidade jornalística (CHARRON; DE BONVILLE, 2016, p. 68). Em sua periodização do jornalismo norte-americano, Charron e De Bonville (2016) descrevem quatro paradigmas: 1) o “jornalismo de transmissão”, quando comerciantes começam a atuar como impressores de jornais, no século XVII. 2) o “jornalismo político” do século XIX, quando as finalidades comerciais ficam em segundo plano e os jornais são postos a serviço de lutas políticas; 3) o “jornalismo de informação”, que se desenvolve entre o final do século XIX e grande parte do século XX, quando os jornais passam a se caracterizar por um certo tipo de texto, a notícia; 4) e o “jornalismo de comunicação”, a partir da década de 1970, marcado pela multiplicação dos suportes midiáticos e a consequente hiperconcorrência.

10. A problemática da mudança estrutural do jornalismo é objeto de estudo na tese de doutorado de Taís Seibt, “Jornalismo de verificação: a prática do fact-checking no Brasil”, em fase de conclusão.

Ainda no início dos anos 2000, Machado (2002) já identificava algumas facilidades que o ciberespaço poderia trazer para o Jornalismo na consulta às fontes. O autor falava sobre uma multiplicidade de fontes disponíveis sem a necessidade de deslocamento físico ou geográfico para a obtenção do material de consulta. Dessa forma, bancos de dados públicos e consultas a outros documentos, como diários oficiais, editais, contratos e registros de recursos públicos poderiam incrementar as consultas dos jornalistas e, assim, diversificar as fontes.

Com a ascensão de políticas de transparência pública pelo mundo, aumentou também o acesso às fontes documentais oficiais. No Brasil, ainda que o direito à informação pública esteja assegurado pela Constituição Federal de 1988, foi em maio de 2012 que a Lei de Acesso à Informação (LAI) entrou em vigor. Foi a partir de então que os dados públicos se tornaram mais acessíveis aos jornalistas, antes dependentes das assessorias de imprensa e de fontes com acesso privilegiado.

Entretanto, apesar de mais acessível, o trabalho de verificação através de bancos de dados, na prática, nem sempre é fácil: além de entender as lógicas por trás dos números oficiais, os jornalistas precisam dominar ferramentas, e, cada vez mais, desenvolver habilidades técnicas para coletar e analisar os dados disponíveis na *web*. A necessidade, portanto, de dar um tratamento analítico às informações se configura uma oportunidade de mercado para os profissionais, apontando, como consequência, para novas perspectivas para o ensino do jornalismo.

Ensino de JGD e práticas laboratoriais de Fact-checking

Essa percepção vai ao encontro da ideia de Mielniczuk e Träsel (2017), quando propõem que o ensino deve ser um vetor de difusão de práticas inovadoras no jornalismo, o que inclui a qualificação para o uso de dados na apuração de notícias, a fim de explorar diferentes métodos de trabalho e ferramentas disponíveis nas mídias digitais. Os autores salientam que, para isso, há necessidade de se “voltar o olhar para as experiências de ensino do JGD dentro das universidades e fora delas” (MIELNICZUK; TRÄSEL, 2017, p. 617), o que pressupõe a incorporação de novas disciplinas nos currículos universitários, bem como o desenvolvimento de experiências práticas em laboratórios de ensino e de extensão.

No mesmo sentido, Romero *et al* (2017) sugerem que a checagem de fatos pode ser utilizada no ambiente de aprendizagem como estratégia para a criação de uma “situação experimental” para a construção de conhecimento sobre apuração noticiosa pelos

próprios estudantes. Com base em uma experiência prática¹¹, os autores consideram o fenômeno da checagem “uma importante ponte de discussão teórico-prática, que fundamenta o ensino de técnicas de apuração em um contexto inventivo e coletivo” (ROMERO et al, 2017, p.6). Os autores lembram também que a checagem de dados tem como fundamento central técnicas de apuração jornalística remodeladas no Paradigma do Jornalismo Digital em Bases de Dados, a que o JGD está vinculado (BARBOSA; TORRES, 2013).

É preciso levar em conta, porém, que uma experiência laboratorial com estudantes distingue-se bastante do trabalho feito por agências especializadas em *fact-checking* ou de profissionais acostumados a colocar em prática os procedimentos do JGD em seu trabalho diário. O ponto principal a ser considerado é a experiência no tratamento da informação. Por essa razão, Heravi (2017) afirma que os jornalistas já graduados estão familiarizados com processos do fazer jornalístico, como acionar fontes, verificar informação e elaborar a narrativa da notícia. Para ela, esse grupo precisa de treinamento específico em JGD, como coleta e limpeza de dados e análise estatística para o trabalho com essas informações. Já entre os estudantes, as primeiras habilidades a serem desenvolvidas são as de investigação jornalística propriamente dita.

Partindo desses pressupostos e levando em consideração a importância das práticas laboratoriais em cursos de extensão para a formação profissional, compartilham-se, a seguir, as percepções dos estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao longo de um curso de extensão em formato de oficina realizado no período de 7 de abril a 5 de maio de 2018.

Experiência laboratorial

O curso de extensão “Laboratório de *Fact-checking*” teve duração de quatro semanas, com aulas presenciais aos sábados e carga horária total de 20 horas/aula. Das 20 vagas oferecidas, 19 foram preenchidas por estudantes do terceiro ao sétimo período de curso de graduação em Jornalismo. As inscrições foram gratuitas.

No primeiro encontro, foram repassadas informações gerais sobre a origem do *fact-checking* e sobre as distintas etapas do método de verificação seguido por iniciati-

11. A experiência foi realizada do Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEx) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, a partir da construção do “Mitômetro”, um método de checagem de dados. A ferramenta de ensino foi elaborada pela equipe do LEX a partir do mapeamento e análise de diversos métodos de *fact-checking* utilizados na América Latina, a fim de contribuir com o ensino do jornalismo experimental em ambientes de aprendizado.

vas signatárias do código de princípios da IFCN. A turma foi dividida em duplas e trios, mesclando alunos mais adiantados a estudantes em início de curso. Cada grupo ficou encarregado de fazer checagens de discursos públicos de cada um dos pré-candidatos ao governo do estado do Rio Grande do Sul¹².

A segunda aula foi dedicada às técnicas de reportagem assistida por computador e jornalismo guiado por dados, com ênfase no acesso às fontes documentais. Os dois últimos encontros foram dedicados à prática de checagem, desde a seleção de frases a serem conferidas até a atribuição e contextualização de etiquetas.

Como atividade de preparação para a prática, os grupos foram orientados a buscar na *web* materiais que pudessem fornecer subsídios para checagens: discursos, entrevistas, pronunciamentos, materiais de campanha, etc. No terceiro encontro, cada grupo recebeu orientações, individualmente, sobre como fazer a seleção das frases a serem checadas, a fim de definir caminhos possíveis de verificação. Durante a aula, os estudantes consultaram relatórios, projetos, contratos, licitações, estudos, planilhas e outros tipos de documentos, em geral disponíveis nos portais de transparência do poder público.

As sentenças passíveis de verificação pressupõem, desde a seleção, afirmações que contenham evidências geralmente divulgadas pelas fontes oficiais, especialmente nos bancos de dados públicos. São consideradas declarações checáveis aquelas que contenham números, comparações, dados estatísticos, que façam menção a documentos ou fatos históricos¹³. Assim, o jornalista “checador” passa a desenvolver habilidades para trabalhar com planilhas, fórmulas e gráficos que servirão de subsídio para atribuir, ao final do processo, as etiquetas quanto à veracidade da declaração.

O encontro final foi dedicado à finalização da checagem e à atribuição de etiquetas, conforme classificação adotada pela *Filtro Fact-checking*, cuja metodologia orientou a experiência prática durante a oficina. Essa metodologia é livremente inspirada no projeto *Truco*¹⁴, da Agência Pública, um dos pioneiros na prática de *fact-checking* no Brasil.

12. Os pré-candidatos ao governo do Rio Grande do Sul no período do laboratório eram: Abigail Pereira (PCdoB), Eduardo Leite (PSDB), Jairo Jorge (PDT), José Ivo Sartori (MDB), Luiz Carlos Heinze (PP), Mateus Bandeira (Novo), Miguel Rossetto (PT) e Roberto Robaina (PSOL). Os trabalhos dos alunos foram publicados em medium.com/filtrolab.

13. Os critérios de seleção de frases checáveis constam nos protocolos das iniciativas e seguem os parâmetros da IFCN. No caso em análise, referem-se ao método do Filtro Fact-checking.

14. O Truco teve sua primeira edição nas eleições presidenciais de 2014, procedendo à verificação de declarações dos candidatos no horário eleitoral gratuito de televisão. No ano de 2015, o projeto operou em parceria com o site Congresso em Foco, verificando discursos no Congresso Nacional. Em 2016, houve uma nova edição na cobertura das eleições municipais em seis capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Belém. A partir de março de 2017, tornou-se uma seção fixa no site da Agência Pública, com checagens periódicas. As outras iniciativas consideradas pioneiras no Brasil, Agência Lupa e Aos Fatos, começaram a operar em 2015.

Seguindo as etiquetas do *Filtro*, foram utilizadas, além de “verdadeiro” e “falso”, as seguintes terminologias: “exagerado” (aponta uma tendência correta, mas o dado é inflado), “discutível” (a conclusão varia de acordo com a metodologia adotada), “distorcido” (dados usados para produzir uma falsa interpretação da realidade), “sem contexto” (a declaração está correta, mas não explica o contexto), “impossível provar” (não existem dados confiáveis – oficiais ou de outras fontes – que sustentem a afirmação) e “contraditório” (a afirmação contradiz declarações anteriores do mesmo autor).

Na prática: relatos de aprendizagem e avaliação dos alunos

A experiência laboratorial mostrou, especialmente, que há demanda dos estudantes pela inclusão de conteúdos atuais e de caráter teórico-prático na universidade. Os 19 participantes tiveram total assiduidade nas aulas e na entrega do trabalho final. Suas percepções foram coletadas para este artigo por meio do relato oral e através de um questionário de avaliação¹⁵. Também foram considerados os trabalhos enviados por e-mail, como a listagem de frases possíveis para checagem e apuração final propriamente dita, publicada, após edição¹⁶.

Os aspectos que mais chamam a atenção nas percepções dos alunos se referem, especialmente: a) **ao formato da oficina**, no que tange à oportunidade para problematizações teórico-práticas tanto dos conceitos que guiam o *fact-checking* quanto às técnicas do JGD, estimulando o senso crítico e engajamento dos futuros jornalistas; b) **aos procedimentos de apuração jornalística**, considerando a necessidade de habilidades relacionadas às ferramentas digitais, bem como o conhecimento das fontes jornalísticas que precisavam ser acionadas nas checagens; e c) **à construção do texto jornalístico e à transparência do método do trabalho**, já que no *fact-checking* é preciso escolher etiquetas, bem como fazer referência às fontes acionadas e possíveis evidências relacionadas à referida informação em *sites* oficiais.

Sobre **o formato da oficina (a)**, é válido mencionar a importância, para os alunos, da disponibilidade, de forma presencial, de instrutores capacitados para tirar dúvidas ao longo do processo. Ao serem perguntados no questionário de avaliação em que momento a presença de instrutores foi mais importante para o aprendizado, os estudantes aponta-

15. A enquete foi feita através de um formulário não-identificável, enviado por email, após o término da oficina.

16. As checagens do Laboratório de Fact-checking farão parte da coleção “FiltroLab”, com checagens realizadas durante oficinas de formação oferecidas pelo Filtro Fact-checking ao longo do primeiro semestre de 2018. A publicação está prevista para julho de 2018, antes do início da campanha eleitoral.

ram os momentos de tomada de decisão sobre as frases passíveis de serem checadas, a escolha da etiqueta e a construção do texto, segundo as diretrizes conceituais do *fact-checking*, bem como, e principalmente, o direcionamento para possíveis fontes e caminhos possíveis para coleta de dados e contato com as assessorias de imprensa. A autonomia dada aos alunos, ao longo do período, também foi pontuada por um dos respondentes do questionário, como mostra o trecho a seguir:

A experiência dos ministrantes foi muito importante para nos sugerir caminhos que talvez fôssemos demorar mais para encontrar. Sendo importante frisar que a sugestão foi igualmente importante. Nenhum dos ministrantes assumiu as rédeas do nosso trabalho, mas sim nos orientaram e nos refrescaram pontos das aulas que nos facilitaram seguir por esse ou aquele caminho, deixando que nós mesmos pensássemos para executar a checagem (Estudante 1, 2018).

Todos os que responderam ao questionário enalteceram a oportunidade de aprofundar as discussões teórico-práticas e problematizações possíveis no ensino laboratorial. O conteúdo também foi considerado inédito pela maioria dos estudantes, bem como a clareza dos temas discutidos, as dinâmicas propostas, o material didático e as leituras de apoio indicadas no plano de ensino.

No que se refere **aos procedimentos de apuração jornalística (b)**, chama a atenção que a dificuldade do processo, em sua totalidade, é vista com surpresa pelos estudantes, como mostra o relato a seguir, em relação ao Laboratório de *Fact-checking*:

Gostei muito do laboratório e me surpreendi bastante. Achei mais complicado do que eu imaginava, pois muitos dados não estão disponíveis ou estão disponíveis de modo aleatório e cabe ao jornalista juntar as informações e entender o que cada uma quer dizer (Estudante 2, 2018).

A pouca vivência prática na verificação de informações pode ser uma das razões para a dificuldade que alguns encontraram durante a seleção das afirmações passíveis de serem checadas e das principais dúvidas relacionadas ao método do *fact-checking* em si.

Assim, chama a atenção que as maiores dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas às técnicas de apuração da notícia, que servem de base tanto para o *fact-checking* quanto para o JGD. Durante o laboratório, elas se concentraram especialmente: **a)** no reconhecimento e rastreamento das fontes, especialmente documentais, para

a checagem das afirmações; **b**) na busca de dados nos *sites* oficiais para a checagem das afirmações; **c**) na análise de dados propriamente dita, a fim de encontrar a informação divulgada pelo candidato analisado, que muitas vezes pode ter sido resultado de uma estatística feita a partir de determinado viés. No trecho abaixo, um dos alunos que respondeu ao questionário de avaliação, sintetiza tais observações:

Acredito que selecionar as frases não seja tão difícil, mas o momento de colocar em prática a checagem, buscar fontes, entender o que os dados realmente querem dizer é um pouco mais complicado, e, muitas vezes, não sabemos por onde começar (Estudante 3, 2018).

No que se refere à identificação das fontes, dos oito alunos (42,10% dos 19 inscritos na turma) que responderam ao questionário de avaliação, metade atribuiu grau de dificuldade 4 (em uma escala de 1 a 5, sendo que 1 é o mínimo e 5 o máximo) para encontrar as fontes necessárias. As demais respostas distribuíram-se nos graus 2, 3 e 5. Nota-se que os estudantes estão mais acostumados a acionar fontes pessoais, como pessoas públicas e assessorias de imprensa. Contudo, mesmo para o contato com assessorias, que poderia ser considerada uma etapa simples do processo, foi destacada a importância do acompanhamento dos ministrantes, como mostram os relatos a seguir:

O acompanhamento presencial foi muito importante no momento em que começamos a buscar as fontes e *contatar as assessorias* (Estudante 4, 2018).

Como é algo quase que completamente novo pra nós, ter o auxílio dos ministrantes foi essencial na hora de saber que tipo de frase era válida para a checagem, avaliar onde ir atrás de dados e informações, e principalmente no contato com as assessorias (Estudante 5, 2018).

Já o uso dos três tipos de fontes documentais, incluindo arquivo documental, estatística e reprodução (GEHRKE, 2018), gera, por vezes, dificuldades de extração de informação e insegurança – o fato de não perguntar diretamente a uma pessoa e sim a um documento parece ser algo mais distante da rotina dos graduandos. Tanto é que, entre os oito respondentes do questionário, metade assinalou grau máximo de dificuldade para encontrar os dados necessários à checagem da frase. Outros dois alunos entenderam que as dificuldades eram de nível 4, somando 75% dos que consideraram difíceis os processos. É importante ressaltar que, durante o processo de análise de dados, os alunos tiveram a

oportunidade de perceber a falta de familiaridade com o manejo de softwares cada vez mais usados no processo de apuração, como as planilhas de Excel, além de conhecimentos de matemática para efetuar cálculos simples. Esse entendimento fez, inclusive, um estudante sugerir a dedicação de mais tempo às técnicas de JGD em laboratórios futuros de *fact-checking*:

Acho que seria interessante os ministrantes adicionarem um pouco mais de tempo para a parte das planilhas e procura por documentos na internet. Observei que essa parte foi bastante útil e presente em todas as checagens, e seria interessante que ganhasse mais tempo na exposição teórica e nos tutoriais antes dos alunos partirem para a tarefa proposta (Estudante 6, 2018).

O terceiro quesito que mais chama a atenção na percepção dos alunos se refere à **construção do texto jornalístico e à transparência do método do trabalho (c)**. É nessa fase, mais próxima do término do processo, que acreditamos que os procedimentos oriundos dos pressupostos teóricos do *fact-checking* e do JGD mais se aproximam, no que tange à transparência do método de trabalho para o leitor, como forma de evidenciar as verificações, visto que o texto jornalístico no *fact-checking* pressupõe a escolha de etiquetas classificatórias. Nessa etapa, é importante mencionar a percepção, por parte dos alunos, dos aspectos subjetivos no processo de construção do discurso e sua consequente problematização (tanto em relação ao contexto das frases escolhidas para análise quanto à etiqueta e texto redigido pelo repórter).

A conclusão da checagem não se resume à atribuição de uma etiqueta: é preciso contextualizar e esclarecer os elementos que sustentam determinada escolha. Nesse sentido, o *fact-checking* assume um caráter mais interpretativo ou analítico, como sugere Graves (2016), o que afasta o método de verificação de uma concepção positivista, livre de falhas ou contestação. Pelo contrário, por estar fundamentado na transparência, o método oferece os subsídios para sua crítica: “[...] mostra o respeito dos jornalistas por seu público. Permite a este julgar a validade da informação, o processo pelo qual essa mesma informação foi obtida e os motivos e preconceitos do jornalista que a transmite” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 127). A longo prazo, defendem os autores, um jornalismo mais transparente poderia fazer surgir um público mais preparado para distinguir informação de interesse público de outros conteúdos.

Considerações finais

Discutiu-se, assim, o jornalismo guiado por dados e suas práticas como elemento central no processo de verificação de afirmações, como proposto pelo *fact-checking*. Os dados constituem a principal fonte no JGD e, dessa forma, sua compreensão e busca em bancos de dados públicos, relatórios, contratos e outros documentos são fundamentais para a checagem. A discussão teórica desses eixos esteve aliada à experiência do curso de extensão Laboratório de *Fact-Checking*, realizado durante quatro encontros, nos meses de abril e maio de 2018, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Entre as dificuldades mencionadas pelos estudantes durante o laboratório apareceram as relacionadas ao processo de entender os mecanismos de busca nos sites e encontrar os dados necessários para a checagem (o que pressupõe problemas na localização da fonte) e para a contextualização dos dados. Para os alunos, foi um desafio trabalhar com grandes quantidades de informação e trazer seu significado para a checagem. É importante apontar também a falta de familiaridade com questões de legislação e a falta de respostas das assessorias de imprensa. Ao final da experiência laboratorial, a maioria dos participantes observou, tanto nos relatos orais quanto nos questionários, que os aprendizados serão importantes para sua formação de forma geral e para o desempenho em outras disciplinas práticas do curso de Jornalismo.

A verificação de fatos e dados, embora presente na ideologia profissional, esbarra no desconhecimento de métodos e ferramentas para que seja incorporada como prática. Fica clara a necessidade de incluir nos currículos das universidades, ainda que em iniciativas de extensão, projetos laboratoriais ou outros formatos, atividades que incentivem o uso de ferramentas digitais a fim de estimular a prática das técnicas do jornalismo guiado por dados, em compasso com possíveis problematizações durante seu uso. Como ilustram dois comentários de participantes do curso:

A graduação às vezes tem dificuldade em acompanhar as transformações do jornalismo, e iniciativas como esta contribuem consideravelmente para encurtar essas distâncias (Estudante 7, 2018).

Gostei muito do curso! Achei inovador, muito à frente do que temos visto em aula na graduação. Sei que é uma área e um assunto relativamente novo, mas é muito importante que tenhamos uma prática um pouco mais aprofundada ainda dentro da universidade (Estudante 8, 2018).

A partir dos relatos dos alunos, pode-se inferir que os conteúdos apresentados no Laboratório, somados à experiência prática proporcionada em sala de aula, atendem a uma demanda fundamental à formação de jornalistas, porém ainda pouco trabalhada nas disciplinas regulares, inclusive por se tratar de um conteúdo recente e exigir uma formação mais específica do professor e/ou facilitador. Isso acaba se tornando um empecilho para a divulgação e ascensão da prática. Os estudantes apontaram que a presença dos ministrantes no laboratório foi importante para tirar dúvidas e dar mais segurança no momento de encontrar e selecionar as informações necessárias, além de auxiliar no processo de identificação das fontes e de fazer a contextualização.

Entre as potencialidades percebidas estão a necessidade de maior atenção ao ensino e à prática da apuração jornalística junto às fontes documentais, cuja consulta é diferente das entrevistas tradicionais. Com a possibilidade de obter documentos garantida pela Lei de Acesso à Informação e outras iniciativas de transparência pública, a tendência é que continue sendo disponibilizado um volume cada vez maior de informações. Caberá ao jornalista, reitera-se, ajudar a filtrar e a colocar em contexto essas informações, para entregar ao público um conteúdo qualificado.

Por fim, percebe-se potencial também em uma iniciativa já recorrente no *fact-checking*, que é o uso de *hiperlinks* para identificação da fonte consultada. A transparência no método de obtenção das informações é um dos valores que tende a ser enfatizado em época de desinformação, uma vez que o público tem a oportunidade de repetir o passo a passo adotado na reportagem e avaliar a qualidade e a origem das informações divulgadas. O princípio da transparência está na base tanto do jornalismo guiado por dados quanto do *fact-checking*, sendo este, portanto, um dos principais aspectos a justificar a apropriação de suas técnicas pelos sistemas de verificação.

Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial**: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, abril-junho de 2013.

BARBOSA, Suzana; TORRES, Vítor. O paradigma “Jornalismo Digital em Base de Dados”: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galaxia** (São Paulo, Online), n.25, p.152-164, junho 2013.

BRASIL..Ministério da Educação. **Resolução N° 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1° out. 2013. Seção 1, p. 26.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular/ Brasília: FAC Livros, 2016.

DOURADO, Tatiana. **Fact-checking como possibilidade de accountability do jornalismo sobre o discurso político: as três iniciativas brasileiras**. 40º Encontro Anual da Anpocs. ST17 Mídias, política e eleições. 2016.

GEHRKE, Marília; MIELNICZUK, Luciana. Philip Meyer, the outsider who created Precision Journalism. Porto Alegre: **Intexto**, N. 39, 2017. p. 4-13.

GEHRKE, Marília. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

GRAVES, Lucas. **Deciding what's true: the rise of political fact-checking in american journalism**. New York: Columbia University Press, 2016.

GUIMÓN, Pablo. “O ‘Brexit’ não teria acontecido sem a Cambridge Analytica”. Publicado em 26 mar. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765_703094.html> Acesso em 26 abr. 2018.

HERAVI, Bahareh. Teaching data journalism. In: MAIR, John et. al. (ed.). **Data journalism: past, present and future**. Suffolk: Abramis, 2017. p. 221-228.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. [S,l.]: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - BOCC, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>. Acesso em 4 jun. 2018.

MEYER, Philip. **Precision Journalism: A Reporter's Introduction to Social Science Methods**. Indiana, EUA: Indiana University Press, 1973.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo Guiado por Dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. **Contemporânea** (Salvador, Online), v.15, n.02, p.609-629.

ROMERO, Luan; CÁCERES, Sabrina; MISSAU, Lucas; STORCH, Laura. **Mitômetro**: a construção de um método de checagem em ambiente de aprendizado. In: Anais do 7º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2017.

STENCEL, Mark; GRIFFIN, Riley. **Fact-checking triples over four years**. Publicado em: 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://reporterslab.org/tag/fact-checking-census/>>

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUCRS, Porto Alegre, 2014.

WARDLE, Claire; DERAKHASHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe Report. Publicado em 27 set. 2017. Disponível em: <<https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>> Acesso em: 10 jul. 2018.